

Política externa amoral e cínica

O GLOBO

JEFFERSON PERES

P. 7

06 JUN 2004

Não é só na macroeconomia que o governo Lula exercita o continuísmo em relação aos seus antecessores. Também na política externa, o presidente da República e o Itamaraty, a pretexto de promover os interesses econômicos nacionais e não melindrar parceiros poderosos, mantêm um silêncio amoral diante de violações de direitos humanos ao redor do planeta, comprometendo a imagem e a indispensável autoridade ética do Estado brasileiro.

Muito embora tenha arrancado aplausos quase unânimes de políticos, empresários e dos meios de comunicação no Brasil, a recente viagem presidencial à República Popular da China traz à lembrança exemplos lamentáveis de omissão e transigência com princípios. Não defendendo, claro, que Lula desembarcasse em Beijing criticando o governo comunista anfitrião, num gesto inábil

e, sobretudo, grosseiro. Mas precisávamos votar contra a resolução da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas condenando as arbitrariedades do regime chinês, como ocorreu poucos dias antes da viagem? Será que o governo de um presidente formado na escola de luta pelas liberdades políticas e sindicais dos trabalhadores nada tem a condenar em uma ditadura que não admite sindicatos livres e prende operários grevistas? Será que Lula não se envergonhou de ter assinado uma nota conjunta que nega ao povo tibetano o direito à autodeterminação?

Não é só nas suas relações com a China que o Brasil perde a oportunidade de reafirmar suas convicções no valor universal da democracia, da liberdade e da dignidade humana.

O país absteve-se de criticar as atrocidades longamente cometidas pelo despotismo de Saddam Hussein, antes da invasão anglo-americana do ano passado, e por isso, talvez, não se anima a criticar a prisão de milha-

res de afegãos suspeitos de terrorismo, detidos em Guantánamo há quase três anos, à mercê dos inquisidores do Pentágono, sem assistência jurídica, sem julgamento, sem formação de culpa e sem uma única palavra de repúdio do Brasil.

A ditadura cubana enjaula jornalistas por denunciarem o fracasso e o autoritarismo do

regime, persegue dissidentes que ousam contestar os dogmas sacrossantos do marxismo-leninismo e fuzila sumariamente cidadãos pelo crime de desertar do paraíso socialista. Mesmo assim, Lula não se atreve a in-

Silenciar sobre
direitos humanos,
por neutralidade,
equivale ao
acumpliciamento

comodar seu vetusto ídolo Fidel Castro com protestos ou mesmo sóbrias manifestações de desconforto a esse respeito.

Antecipo-me à contestação dos que entendem não possuir o Brasil força moral para condenar outros países, porque aqui ocorrem diariamente violações de direitos humanos. O argumento é capenga, não procede. Uma coisa é o abuso de poder, cometido por autoridades, transgressores das leis do país, muitas vezes impunes por falhas do aparelho judiciário. Outra, muito diferente, é a violência institucionalizada, praticada oficialmente, como política de governo. É contra esta que temos o dever de nos manifestar, mesmo ao risco de perder negócios, em nome de princípios inegociáveis.

De igual modo, em relação à tragédia sem fim do povo palestino, deveríamos verberar a leniência de Yasser Arafat com os grupos terroristas e condenar com veemência o terro-

rismo de Estado levado a cabo por Ariel Sharon. Silenciar, por suposta neutralidade, equivale ao acumpliciamento injustificável com o erro.

Espanta que um governo que veio para mudar, embarque numa *realpolitik* amoral e cínica, supostamente em defesa dos nossos interesses econômicos. Ou, quem sabe, na ansiosa busca de uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Pior é que, mesmo sob o aspecto pragmático, o Itamaraty, além de macular as suas gloriosas tradições, talvez esteja fazendo, também, um cálculo errado. O Brasil se qualificaria muito mais, como parceiro e como aspirante ao Conselho, se se impusesse aos olhos do mundo com uma diplomacia embasada em valores éticos.

JEFFERSON PERES é senador (PDT-AM).

N.R.: Marcio Moreira Alves voltará a escrever nesse espaço nos próximos dias